

A AURORA

VOL. 18, No. 2

MARÇO-ABRIL 2025

CONTEÚDO DESTE NÚMERO

*Dawn Bible Students Association
Divisão em português
PO Box 521167
Longwood, FL 32752 U.S.A
www.dawnbible.com*

*Sirva-se notificar-nos imediatamente sua
mudança de domicílio. Inclua a etiqueta
de envio de sua revista, e envie-a junta-
mente com seu novo endereço. Preço
anual: US \$12.00 (6 números) Sem custo
de fora os EUA*

ALEMANIA: Tagesanbruch Bibelstudien-
Vereinigung e. V., Postfach 3, 64396 Modau-
tal

ARGENTINA: El Alba, Calle Almirante
Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires
estudiantesdelabibliargentina@gmail.
com

AUSTRALIA: Berean Bible Institute, PO
Box 402, Rossana, Victoria, 3084

BRASIL: PO Box 521167, Longwood, FL
USA 32752

CANADÁ: PO Box 1565, Vernon, British
Columbia, V1T 8C2

ESPAÑA/ITALIA: El Alba, Via Ferrara 42,
59100 Prato - Italia

FRANCIA: L'Aurore 39A rue des Bois,
68540 Feldkirch

GRECIA: He Haravgi (The Dawn) PO Box
521167, Longwood, FL USA 32752

INDIA: PKumar/E.Rashmi Manu Res. #1-
N-32-2717/8(2), near Vigneshwara Wood
Ind. Ashoknagar, Mangalore 575006

ISLAS BRITÁNICAS: Associated Bi-
ble Students, Brook House, Whitchurch
Road, Prees, Whitchurch, Shropshire
SY13 3JZ UK

DESTAQUES DA AURORA

Odiado sem Causa 2

ESTUDOS INTERNACIONAIS

DA BÍBLIA

Uma Nação Santa 11

Santuário de Deus 13

O Sacerdócio Estabelecido 16

Um Sabor Doce para Deus 18

O Dia da Expição 21

Anúncio 24

The Dawn - Portuguese Edition
March - April 2025

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia
usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/

ACF – Edição de 2011

Printed in USA

Odiado sem Causa

“Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo.”

— *João 15:25*

O MUNDO RELIGIOSO

da época de Jesus o odiava e finalmente o matou. Eles o odiavam porque seu modo de vida era contrário ao deles. Com o seu exem-

plo de sacrifício, ele condenou o caminho egoísta praticado por eles e, com os seus ensinamentos, expôs os seus erros populares ao mesmo tempo em que ensinava verdades impopulares.

As palavras do nosso texto de abertura, retiradas do Salmo 69:4, foram ditas por Jesus aos seus discípulos durante as horas finais do seu ministério terreno. Ele sabia da angústia e da dor que eles logo sofreriam e se esforçou para preparar os seus corações e mentes para os acontecimentos que viriam. Ele não queria que eles tropeçassem, mas que estivessem prontos para receber o Espírito Santo no Pentecostes e participar dos privilégios maravilhosos do chamado celestial. — Heb. 3:1

O DESPREZO DO MUNDO

Durante o ministério de Jesus, os discípulos aprenderam que ser um seguidor do humilde Jesus não traria a boa vontade do mundo religioso na sua época. Houve ocasiões em que multidões se aglomeraram ao redor do seu amado Senhor, mas muitas vezes o motivo

era qualquer benefício material ou carnal que esperavam receber dele. Poucos estavam interessados a ponto de segui-lo fielmente, ou dispostos a fazer sacrifícios para serem seus discípulos. — João 6:26,27,60,66

Quando chegou a hora da crucificação de Jesus, seus discípulos, sem dúvida acreditaram que ele poderia de alguma forma escapar da morte e assumir seu papel como líder e rei de Israel. Eles estavam familiarizados com as palavras do profeta Isaías que havia escrito a respeito do Messias: “Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim”. (Isa. 9:7) No entanto, eles não sabiam que era necessário que ele sofresse e morresse pelo mundo antes que as maravilhosas profecias relacionadas à glória do seu reino pudessem se cumprir. A esperança deles era compartilhar a sua glória com o Mestre, que eles acreditavam estar próxima.

JESUS DEVE MORRER

Jesus não escondeu dos seus discípulos a necessidade da sua morte que estava próxima. Do relato bíblico, aprendemos: “Daquele dia em diante, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, e padecesse muitas coisas dos anciãos, e dos principais sacerdotes, e dos escribas, e fosse morto, e ressuscitasse no terceiro dia”. (Mat. 16:21) Embora a declaração de Jesus fosse clara, os seus seguidores devem ter pensado que o que ele havia dito tinha algum outro significado.

Jesus sabia que seus discípulos ainda estavam vivenciando os seus privilégios de discipulado do ponto de vista das vantagens materiais e da glória que esperavam alcançar por estarem associados a ele. Ele sabia também que, depois do Pentecostes, eles seriam imbuídos do Espírito Santo em termos de entendimento. Agora, porém,

eles não conseguiam aceitar o fato de que a morte de seu Senhor realmente aconteceria.

OS SEGUIDORES DE JESUS SENTIAM ÓDIO

Os discípulos amavam o seu Mestre e estavam convencidos de que ele era o Messias divinamente designado, mas ainda não compreendiam que haveria sofrimento e morte associados ao seu ministério, antes da glória e da honra. Pedro escreveu mais tarde: “indagando qual o tempo ou qual a ocasião que o Espírito de Cristo que estava neles indicava, ao predizer os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir.” — I Ped. 1:11

Conforme destacamos na nossa escritura, Jesus reconheceu que foi odiado sem causa e também explicou: “Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: O servo não é maior do que o seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vocês; se guardaram a minha palavra, também guardarão a de vocês. Mas tudo isso eles farão a vocês por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou.” — João 15:18-21

O Mestre também preveniu: “Eis que vem a hora, sim, já chegou, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; e eu não estou só, porque o Pai está comigo. Tenho-vos dito estas coisas, para que em mim tenhais paz. No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.” — João 16:32,33

É bom notar que não foi tanto o aviso sobre a dispersão e perseguição que viria que foi criado para dar paz e alegria aos discípulos, mas sim que, quando isso

acontecesse, eles entenderiam qual era o seu verdadeiro significado. Eles então perceberiam que estavam tendo o grande privilégio de sofrer com Jesus. Ele queria que eles soubessem que ele venceu o mundo e que eles também receberiam força para vencer o mundo se continuassem a ser seus discípulos. Com essa promessa de garantia de vitória, eles puderam se alegrar, apesar da oposição e perseguição do mundo. Saber que estavam sofrendo com seu querido Senhor daria a eles a coragem para prosseguir fielmente.

VENCEDORES

No exemplo dado por Jesus durante sua própria vida, ministério e ensinamentos, fica claro que a vida cristã é uma luta contra a oposição. Uma guerra contínua é travada, na qual estamos envolvidos em um combate com inimigos formidáveis que nos dominariam, a menos que recebêssemos a força divina para vencê-los. Satanás, o diabo, é o grande adversário do cristão, e seus aliados são o mundo e nossa própria carne caída. (I Ped. 5:8; João 17:14,15; Rom. 7:18) Falando sobre si mesmo, o apóstolo Paulo escreveu: “Disciplino o meu corpo e o mantenho sob controle, para que, depois de pregar a outros, eu mesmo não venha a ser reprovado.” — I Cor. 9:27, *Versão Padrão em Inglês*

O termo “vencer” é usado para descrever a vitória do cristão sobre o diabo, sobre o mundo e sobre a nossa própria carne. O mal é o próprio fundamento do mundo do qual Satanás é o príncipe. Desta forma, Paulo advertiu: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.” (Rom. 12:21) João também incentiva: “Todo o que é gerado por Deus vence o mundo; e esta é a vitória [grego: meio de sucesso] que vence o mundo: a nossa fé.” — I João 5:4, *Versão Revisada*

DEUS É AMOR

Nosso Pai Celestial é o autor do amor e tem sido seu patrocinador no decorrer dos tempos. Satanás, porém, é o autor do egoísmo. Esses dois princípios estão em guerra um com o outro desde a queda do homem. O povo de Deus — aqueles que o serviram fielmente em todas as épocas — foi motivado por seu amor por ele. Eles foram guiados por ele e seu Espírito, enquanto a maioria do resto da humanidade passou pela vida controlada em grande parte pelo princípio do egoísmo.

O homem foi criado à imagem de Deus, e traços dessa imagem ainda permanecem e se manifestam em atos de bondade por parte de muitos. (Gên. 1:27) Contudo, não é o ato gentil ocasional que constitui a superação do mundo e seu espírito. Deve ser uma conversão do princípio de viver para si mesmo para o de viver para Deus e dedicar as nossas vidas ao seu serviço. Por causa do pecado, o “eu” foi adotado pela família humana como um motivo dominante de vida. Isso se tornou um modo de vida no mundo que é tido como normal. O interesse próprio é o princípio que governa este mundo na atualidade, e Satanás é o “deus deste mundo”. — II Cor. 4:4

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

A única maneira pela qual o egoísmo pode ser erradicado e o princípio do amor fundamentado em toda a Terra como o princípio orientador da vida é por meio do plano de salvação de Deus. Em Jesus, temos nosso exemplo mais abrangente de amor como estilo de vida. Ele não somente nos deu um exemplo, mas ordenou o amor aos seus seguidores, dizendo: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.” — João 13:34

Este espírito de amor não foi totalmente com-

preendido nem apreciado pelo jovem rico, a quem foi dito que vendesse tudo o que tinha e desse aos pobres, mas que depois foi embora triste. (Mat. (19:16-22; Lucas 18:18-23) Ao seguir a lei da autopreservação, ele acumulou bens materiais para si mesmo e não estava preparado para compartilhá-los com os demais. Os discípulos ficaram perplexos com o conselho de Jesus ao jovem rico, que parecia indicar um abandono imprudente de todo interesse próprio.

VERDADEIRO DISCIPULADO

Pedro então disse a Jesus: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que receberemos, pois?” (Mat. 19:27) Pedro estava lembrando ao Mestre que, como seus discípulos, eles haviam cumprido as condições que ele procurava ao proferir jovem rico. O tudo deles não era tanto quanto o dele, mas o princípio era o mesmo. Tendo feito esse sacrifício, eles naturalmente queriam saber o que poderiam esperar em troca. O questionamento de Pedro revela que ele ainda não havia apreciado o verdadeiro espírito do discipulado. Ele talvez esperasse receber algo em termos de honra e prestígio. Ao invés de ser um humilde pescador, ele pode ter desejado uma posição de destaque no reino do Messias, ser um governante ou ter um grande prestígio entre os homens.

Jesus respondeu: “Em verdade, vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado as suas casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna.” (ver. 28,29) Não devemos ter a ideia equivocada desta passagem de que o Senhor

deseja que os cristãos sacrifiquem aos demais. Seria incorreto privar as nossas famílias dos confortos e provisões que eles necessitam. No entanto, depois de ter feito isso, o que teremos é do Senhor.

LEVANTE A SUA CRUZ

Quando Jesus anunciou aos seus discípulos que estava indo para Jerusalém e que estava na expectativa de ser preso e morto lá, Pedro não quis ouvi-lo dizer isso. “Então Pedro, em particular, começou a repreendê-lo, dizendo: Que o perigo se afaste, Senhor! Isso de modo nenhum te acontecerá.” A resposta de Jesus a esse conselho bem-intencionado foi: “Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.” (Mat. (16:22,23) Pedro estava tentando persuadir o Mestre de que ele deveria permitir que o interesse próprio o influenciasse e não ir a Jerusalém, onde era sabido que os seus inimigos o aguardavam.

Pedro estava involuntariamente promovendo a causa de Satanás, que sempre incentiva as pessoas a pensarem em si mesmas em primeiro lugar. Aqueles do mundo, sobre o qual Satanás é o príncipe, geralmente pensam primeiro em si mesmos. Está é abertamente o seu modo de vida, e tem sido desde os dias do Éden, mas não se trata do caminho de Deus. “Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me. Pois qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e qualquer que perder a sua vida por minha causa, achá-la-á.” —ver. 24,25

Jesus estava, naquele momento, perdendo sua vida sacrificialmente por todo o mundo da humanidade. Em termos gerais, na sociedade atual, a maioria considera que é tolice pensar em outra pessoa além de si mesmo. No

entanto, Jesus, estava apelando à mente e ao coração de Pedro e dos outros discípulos ao direcionar a sua atenção ao fato de que suas vidas seriam salvas à maneira de Deus, não seguindo o princípio mundano de “primeiro a si mesmo”.

Vencer o mundo significa que, como cristãos, nos posicionamos contra o princípio do egoísmo que nos cerca por todos os lados. Entregamos as nossas vidas abnegadamente a serviço de Deus, da Verdade e dos irmãos. (Fil. 3:7,8; I João 3:16) Não somos chamados para estarmos “fora do mundo” ou para vivermos isolados do mundo. (João 17:15) Ao invés disso, embora estejamos no mundo, devemos permanecer segregados dos seus princípios e padrões, e não nos permitir sermos influenciados pelo seu espírito egoísta. O teste a que nos submetemos é que, enquanto vivemos e trabalhamos fisicamente no mundo, não devemos nos conformar com seu espírito geral, mas continuar nos esforçando para perder nossas vidas na causa do amor divino. — Rom. 12:2

BATISMO ATÉ A MORTE

Uma bênção riquíssima aguarda os cristãos a cada ano quando comemoram o memorial da morte sacrificial do nosso Senhor Jesus. Participar do pão e do cálice simbólicos representa a nossa apropriação dos benefícios do seu sacrifício. (Mat. 26:26-29) Tendo assim recebido os benefícios do seu sacrifício de resgate, regozijamo-nos na graça divina para conosco e lembramo-nos também do nosso privilégio de sacrifício, de “morrer diariamente”, por assim dizer, negando a nós mesmos e entregando a nossa vida para fazer a vontade de Deus. (I Cor. 15:13) Isso pode incluir o ostracismo pelo mundo, o gasto da força física ou ser ferido por aqueles que nos caluniaram com as suas palavras.

O nosso é um batismo na morte de Jesus. “Não sabeis vós que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, também o seremos na semelhança da sua ressurreição.” — Rom. 6:3-5

Recebemos um convite especial para seguir os passos do nosso querido Senhor e Mestre. “Segui-lo” significa que as nossas experiências no mundo serão similares às dele. Jesus explicou: “Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou.” (João 13:16) Àqueles que seguem fielmente os passos do Mestre, mesmo que sejam “odiados sem causa”, é dada a promessa: “Ao que vencer, eu lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono.” — Apoc. 3:21 ■

Uma Nação Santa

Versículo-chave: “E vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.” — Êxodo 19:6

Versículos selecionados: Êxodo 18:12-27; 19:1-14

A NAÇÃO DE ISRAEL

foi fundada sobre as promessas feitas por Deus e as instruções provenientes da sua lei. Apesar de não haver falhas no plano de Deus, conforme descrito nas suas promessas, a posição dos israelitas naquela situação e a posição de todos os outros também, está condicionada à obediência à vontade divina. Nossa interpretação das promessas de Deus indica que o povo de Israel seria separado de todas as outras nações. “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha: E vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.” — Êxodo 19:5,6

Foi evidentemente na providência de Deus que Jetro, o sogro de Moisés, deu ao grande legislador o conselho oportuno contido na primeira seção da lição de hoje. (Êxodo (18:12-18) Moisés era um trabalhador árduo e incansável. Ele estava muito disposto a dar a sua vida por seus irmãos, mas o seu sogro que estava observando a situação de um ponto de vista desinteressado, pôde ver que

Moisés não estava se desgastando desnecessariamente no seu esforço de ouvir e julgar todas as pequenas dificuldades, mas também que o próprio povo não estava sendo atendido com eficiência. O trabalho era simplesmente muito grande para que somente uma pessoa pudesse cuidar adequadamente.

Jetro era evidentemente um homem sábio e de princípios justos e sólidos, como é revelado no seu conselho a Moisés. Ele aconselhou o seu genro a designar “homens capazes”, - governantes ou juízes - que presidissem sobre vários grupos de israelitas e advertiu que estes deveriam ser homens de princípios, não egoístas ou cobiçosos. Jetro percebeu, como Moisés obviamente deve ter percebido também, que aqueles de princípios injustos defenderiam os seus próprios interesses antes daqueles do povo sobre quem governavam. Qualquer destes personagens seria uma maldição para a nação, em vez de uma bênção. —ver. 19-27

Estes “homens capazes” em Israel serviram ao povo de acordo com a orientação de Moisés. A providência suprema de Deus na sua seleção é vista pelo serviço muito importante que eles realizaram em conexão com a administração da Lei. Quando Moisés recebeu a Lei de Deus, com a instrução de que ela deveria ser comunicada ao povo, ele convocou estes anciãos, ou representantes. Ele deu a eles os detalhes da lei de Deus, para que eles obtivessem o entendimento necessário de modo a instruir primeiro e depois julgar o povo adequadamente. Tudo isso teria sido uma tarefa quase interminável para que Moisés pudesse realizar sozinho.

Seiscentos mil homens, israelitas adultos, deixaram o Egito. (Êxodo 12:37) Isso significaria um total de aproximadamente um milhão e meio, entre eles mulheres e crianças. Não é difícil imaginar os problemas que seriam

encontrados por alguém ao tentar, sem ajuda, instruir tamanha multidão sobre a Lei de Deus. Não haviam páginas impressas, rádio, televisão, celulares ou Internet - nenhum dos nossos métodos modernos de comunicação. É evidente, obviamente, que Moisés tinha um grupo bem organizado de homens a quem ele poderia designar esta importante tarefa de disseminar ao povo as informações pertinentes à Lei, conforme ele a havia recebido de Deus no Monte Sinai. Em resposta, o povo disse que faria todas as coisas que o Senhor havia falado. — Êxodo. 19:8 ■

Lição dois

Santuário de Deus

Versículo-chave: “E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles. Conforme tudo o que eu te mostrar, segundo o modelo do tabernáculo, e o modelo de todos os seus instrumentos, assim o fareis.” — Êxodo 25:8,9

Versículos selecionados: Êxodo capítulos 25-27

AS INSTRUÇÕES DADAS

a Moisés para a elaboração do Tabernáculo podem ser encontradas em Êxodo capítulos 25-27, e o relato da execução da obra está nos capítulos 35-40. O Tabernáculo propriamente dito — compartimentos Santo e Santíssimo — deveria ser um “santuário” feito de acordo com a Palavra de Deus. Foram feitas várias tábuas de madeira de acácia revestidas

de ouro, colocadas em encaixes de prata e firmemente

presas por barras da mesma madeira, também cobertas de ouro. — Êxodo. 26:15-30

De acordo com o comprimento aproximado de um “côvado” equivalente a 18 polegadas, a estrutura media quinze pés de largura, quinze pés de altura e quarenta e cinco pés de comprimento, e se abria na parte frontal ou na extremidade leste. Estava coberto por um pano de linho branco, grande, entrelaçado com figuras de querubins em azul, roxo e escarlate. (ver. 1-3) A extremidade aberta, ou parte frontal da estrutura, era fechada por uma cortina de material similar ao pano que o cobria e era chamada de “porta” ou primeiro véu. (ver. 36,37) Outro pano feito do mesmo material, tecido do mesmo modo com figuras de querubins, chamado de “véu”, ou segundo véu, foi pendurado de modo a dividir o Tabernáculo em dois compartimentos. (ver. 31-33) O primeiro compartimento, ou maior, com quinze pés de largura e nove metros de comprimento, era chamado de “Santo”. O segundo compartimento, ou compartimento traseiro, com quinze pés de largura e quinze pés de comprimento, era chamado de “Santíssimo”. Esses dois compartimentos constituíam o Tabernáculo propriamente dito. Coberturas adicionais foram erguidas sobre o Tabernáculo para abrigo. Uma era feita de tecido de caxemira ou pelo de cabra, outra de peles de carneiro tingidas de vermelho e a cobertura superior de peles de foca, que ajudavam a proteger contra a entrada de água. —ver. 7,14, *Versão Padrão Americana*

O Tabernáculo que Deus ordenou ao povo de Israel que construísse no deserto, juntamente com todos os seus serviços religiosos e cerimônias relativas a ele, como foi afirmado pelo apóstolo Paulo, uma “sombra das boas coisas futuras”. (Heb. 10:1; 8:5; Col. 2:16,17) Estas cerimônias que os israelitas eram obrigados a repetir anualmente apontavam para “melhores sacrifícios”, cen-

tralizados em Jesus, que seriam introduzidos na época de seu Primeiro Advento. (Heb. 9:19-24) Isso traria salvação eterna não somente a Israel, mas a toda a humanidade no devido tempo. —I Tim. 2:5,6

Deve-se perceber o cuidado exercido por Deus na sua orientação e direcionamento referente a todos os detalhes da construção do Tabernáculo. Ele levou Moisés ao monte e deu instruções específicas a ele sobre cada parte e a maneira como deveria ser feita. “Vê”, disse ele, “que farás todas as coisas conforme o modelo que te foi mostrado no monte.” (Heb. 8:5; Êxodo. 25:40) Todos os detalhes dados aos israelitas por Deus, através de Moisés, a respeito da construção do “santuário” de Deus deveriam ser realizados em exata conformidade com as instruções divinas. As pessoas tinham que estar especialmente cientes disso para que não fossem descuidadas e fossem severamente punidas por qualquer violação.

Quão gratos somos porque todos esses arranjos apontavam para Jesus, o “ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor fundou, e não o homem”. — Heb. 8:2 ■

O Sacerdócio Estabelecido

Versículo-chave: “E cingirás com o cinto, a Aarão e a seus filhos, e lhes atarás as tiaras, para que tenham o sacerdócio por estatuto perpétuo, e sagrarás a Aarão e a seus filhos.”
— Êxodo 29:9

Versículos selecionados:
Êxodo 29:1-9, 35-37

GRANDE PARTE DO

Livro do Êxodo é baseado na construção do Tabernáculo de Israel. Deus ordenou que ela fosse totalmente construída até o primeiro dia do ano religioso, que é equivalente a doze meses após a partida dos israelitas do Egito. Ele também informou a Moisés onde cada um dos móveis deveria ser colocado.

Êxodo 40:1-8

Como servo fiel de Deus, Moisés cumpriu as ordens que recebeu exatamente como havia sido ordenado. (ver. 16-33) As Escrituras nos informam que o Tabernáculo visível associado ao centro de adoração de Israel se referia a realidades celestiais inerentes à atual igreja da Era do Evangelho e de toda a família humana no futuro.
— Heb. 9:23-28; Apoc. 21:1-5

Além disso, foram dadas instruções para ungir Aarão e seus filhos para que pudessem ministrar no ofício sacerdotal em conexão com o Tabernáculo. Essas

instruções incluíam informações sobre a cerimônia de consagração e inauguração do sacerdócio de Israel. — Êxodo 40:13-15; Lev. capítulos 8 e 9

Uma cerimônia detalhada foi empregada, sob a direção de Deus, em conexão com a instalação no ofício do sacerdócio de Israel. Visto que o apóstolo diz que os acordos feitos com Israel eram uma “sombra das coisas boas que estavam por vir”, somos justificados em tirar lições daquele serviço de consagração que pode nos ajudar a compreender na íntegra o que realmente significa ser um seguidor do Mestre — o maior sacerdote de Melquisedeque. — Heb. 10:1; 5:5,6

A cerimônia de consagração de Aarão e seus filhos durou sete dias. (Lev. 8:33) O número sete é usado na Bíblia para representar o todo ou a completude daquilo a que se aplica. Os sete dias de consagração, portanto, retratam com muita força, o fato de que a consagração de Jesus, o sumo sacerdote, e seus seguidores, os subsacerdotes, é algo que envolve todos os aspectos da vida e que é perpétuo — para sempre.

Conforme já foi notado, os sacerdotes de Israel eram aqueles pelos quais Deus distribuía as suas bênçãos a Israel e os orientava em tudo que era pertinente. Portanto, os futuros membros do maior sacerdócio de Melquisedeque, totalmente devotados a Deus, também devem perceber e apreciar o propósito eterno de Deus ao chamá-los para ocupar uma posição tão favorecida. Ao sacrificarem fielmente os seus próprios interesses para o desenvolvimento das qualidades de amor, misericórdia, paciência e todos os outros frutos do Espírito, eles se converterão em parte do “sacerdócio real”, que irá administrar bênçãos a toda a humanidade no vindouro reino de Deus.

“Se, pois, houvesse a necessidade de perfeição

pelo sacerdócio levítico, ... que necessidade havia ainda de que outro sacerdote se manifestasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e não fosse chamado segundo a ordem de Aarão? Pois, se o sacerdócio fosse modificado, necessariamente seria necessário também fazer a mudança da lei. Porque aquele de quem estas coisas são ditas pertence a outra tribo, da qual ninguém serviu ao altar. Pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo da qual nada foi falado por Moisés sobre o sacerdócio. ... Que não foi feito segundo a lei de um mandamento carnal, mas segundo o poder de uma vida sem fim. Pois ele testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.” — Heb. 7:11-17 ■

Lição quatro

Um Sabor Doce para Deus

Versículo-chave: “Porém as entranhas e as pernas, o sacerdote as lavará com água; e queimará tudo isso sobre o altar; é holocausto, oferta queimada, de aroma agradável ao SENHOR.” — Levítico 1:9

Versículos selecionados: Levítico 1:1-17

O SIMBOLISMO demonstrado pelo olfato é usado nas Escrituras para transmitir o pensamento de sacrifício e devoção. Em Efésios 5:2, o apóstolo diz: “Andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus.” Com esta linguagem, Paulo nos

leva de volta aos serviços do Tabernáculo de Israel, onde, em conexão com suas cerimônias, o incenso era queimado no Altar de Ouro no compartimento Santo, cujo aroma penetrava além do segundo véu no Santíssimo. As instruções para esse ato declaravam que deveria haver “incenso perpétuo na presença do SENHOR por todas as vossas gerações”. — Êxodo. 30:1-8

As diretrizes que governavam os serviços do Tabernáculo eram muito precisas. No Dia da Expição de Israel, Aarão, o sumo sacerdote, deveria levar o sangue dos sacrifícios a serem ofertadas pelo pecado ao Santíssimo para aspergir sobre o propiciatório. Antes deste ato, porém, era necessário que o incenso fosse queimado no Altar de Ouro para que sua fumaça e aroma penetrassem no Santíssimo antes da passagem Aarão sob o véu. Se isso não fosse feito, ele morreria ao entrar no Santíssimo. (Lev. 16:11-14) A fumaça e o aroma do incenso queimado eram evidências de que o trabalho sacrificial havia sido realizado corretamente e que havia sido aceito por Deus.

Os sacrifícios de animais que eram queimados no Altar de Bronze também eram considerados um “cheiro suave ao SENHOR”, conforme mostrado no nosso Versículo Principal e no seu contexto. (Lev. 1:5-9) As ofertas de carne ou de cereais, quando queimadas sobre o altar segundo as instruções do Senhor, eram igualmente consideradas como tendo “cheiro suave”. — Lev. 2:1-9

As cerimônias anteriores de Israel que eram consideradas como tendo um “aroma suave” apontavam todas de várias maneiras para o ministério, a obediência e o sacrifício de Jesus, que ascendiam a Deus como um “aroma suave”. (Efés. 5:2) Os seguidores consagrados do Mestre também são convidados a se

sacrificar e a serem batizados na morte de Jesus. (Rom. 12:1; 6:3,4) A obra de sacrifício do cristão é dirigida particularmente em favor dos outros membros do “corpo de Cristo”. — I Cor. 12:12-14,27

Em Filipenses 4:18, o apóstolo Paulo, fazendo alusão à evidência do sacrifício por parte da igreja em Filipos ao enviar a ele um presente enquanto estava preso em Roma, se refere a isso como “um aroma de cheiro suave, um sacrifício aceitável e agradável a Deus”. Aqui temos a autoridade do próprio Paulo na aplicação das lições do Tabernáculo de Israel à igreja. É demonstrado ainda mais, que Deus está testando a sinceridade da nossa dedicação a Ele por meio da sinceridade do nosso sacrifício e prestação de serviço uns aos outros.

O simbolismo do olfato deve nos ajudar a diferenciar entre a verdadeira devoção a Deus e a mera adoração da boca para fora. Onde não conseguimos detectar nenhum “indício” de sacrifício, podemos muito bem nos perguntar com que profundidade a Verdade tomou conta da nossa vida espiritual. Nossa visão da Verdade deve revelar o privilégio do sacrifício e do serviço no benefício dos demais, e a nossa devoção de coração ao Senhor deve nos fazer prontamente entregar nossas vidas para que outros sejam abençoados. Portanto, o aroma doce da nossa devoção será forte. — João 15:13; I João 4:7-11 ■

O Dia da Expição

Versículo-chave: “No sétimo mês, no décimo dia do mês, afligireis as vossas almas e não fareis trabalho algum. ... Porque naquele dia o sacerdote fará expiação por vós, para vos purificar, e ficareis limpos de todos os vossos pecados perante o Senhor.” — Levítico 16:29,30

Versículos selecionados: Levítico 16:2-9,11-19,27-34

A LIÇÃO DE HOJE SE

refere aos serviços do Tabernáculo que eram realizados no Dia da Expição anual de Israel, conforme indicado no capítulo 16 de Levítico. Este serviço importantíssimo ocorria no décimo dia do sétimo mês do ano religioso judaico. Era considerada a ocasião mais solene de todo o ano, o dia em que o sumo sacerdote entrava no Santíssimo

— o compartimento mais interno do Tabernáculo — para fazer expiação pelos pecados da nação. Para conduzir os serviços desse dia especial, o sumo sacerdote, Aarão, não estava vestido com suas vestes habituais “vestes de glória e beleza”, mas com vestes de sacrifício, que eram de linho branco. — Êxodo 28:2-39; Lev. 16:4

Aarão foi instruído a obter um novilho e um bode para os procedimentos dos sacrifícios de expiação. O novilho foi fornecido pelo próprio Aarão e deveria ser morto no Pátio do Tabernáculo como oferta pelo pecado dele e de sua casa. A gordura do novilho deveria ser queimada no

Altar de Bronze. Devido à grande quantidade de gordura do novilho, ele deve ter queimado com vigor produzindo-se uma densa nuvem de fumaça que surgirá à vista dos que estavam do lado de fora. —Lev. 16:3,5-6,25

Então, Aarão deveria então encher um incensário com brasas acesas retiradas do fogo do Altar de Bronze e levá-las, junto com incenso aromático, para o Santo, o primeiro compartimento do Tabernáculo. O incensário deveria ser colocado em cima do Altar de Ouro e o incenso deveria ser aspergido sobre ele de modo a produzir uma fumaça com um perfume doce, que penetrava além do segundo véu até o Santíssimo. Depois de fazer isso de forma meticulosa, Aarão poderia entrar com segurança no Santíssimo e prosseguir com o ato final de expiação. Ali ele deveria aspergir o sangue do novilho sobre e na frente do propiciatório. —ver. 12-14

Do lado de fora do Tabernáculo, além do acampamento que o cercava, haveria outro fogo. Ali, deveria ser colocado as partes vis do novilho — a pele, a carne e o esterco — seriam queimadas. Essa cena deveria ser vista por todos os israelitas que estavam acampados ao redor do Tabernáculo e poderia distingui-lo nitidamente dos outros ritos de sacrifício do Dia da Expiação, que eram obscurecidos pelas cortinas de linho que cercavam o Pátio do Tabernáculo e pela natureza fechada do Santo e do Santíssimo. Assim foi completada a oferta do novilho. — Ver. 27

O próximo a ser oferecido era o bode como oferta pelo pecado. Ele deveria ser retirado do povo de Israel para esse propósito e apresentado perante o Senhor na porta do Tabernáculo. O bode do Senhor era morto no Pátio do Tabernáculo, e seu sangue era levado ao Santíssimo e aspergido da mesma maneira que havia sido feito com o sangue do novilho. Sua pele, carne e esterco tam-

bém foram queimados fora do acampamento de Israel.—
Ver. 15,27

Paulo escreveu que “todas estas coisas iriam acontecer [aos israelitas] como exemplos e foram escritas para nossa advertência”. Eles eram uma “sombra das coisas boas que estavam por vir” e de “sacrifícios melhores”, centralizados em Jesus. — I Cor. 10:11; Heb. 10:1; Heb. 9:23

Anúncio

O Memorial (Ceia do Senhor) é celebrado anualmente. Este ano, celebraremos adequadamente na sexta-feira, 11 de abril, após o pôr do sol.



Image © Romolo Tavani-stock.adobe.com